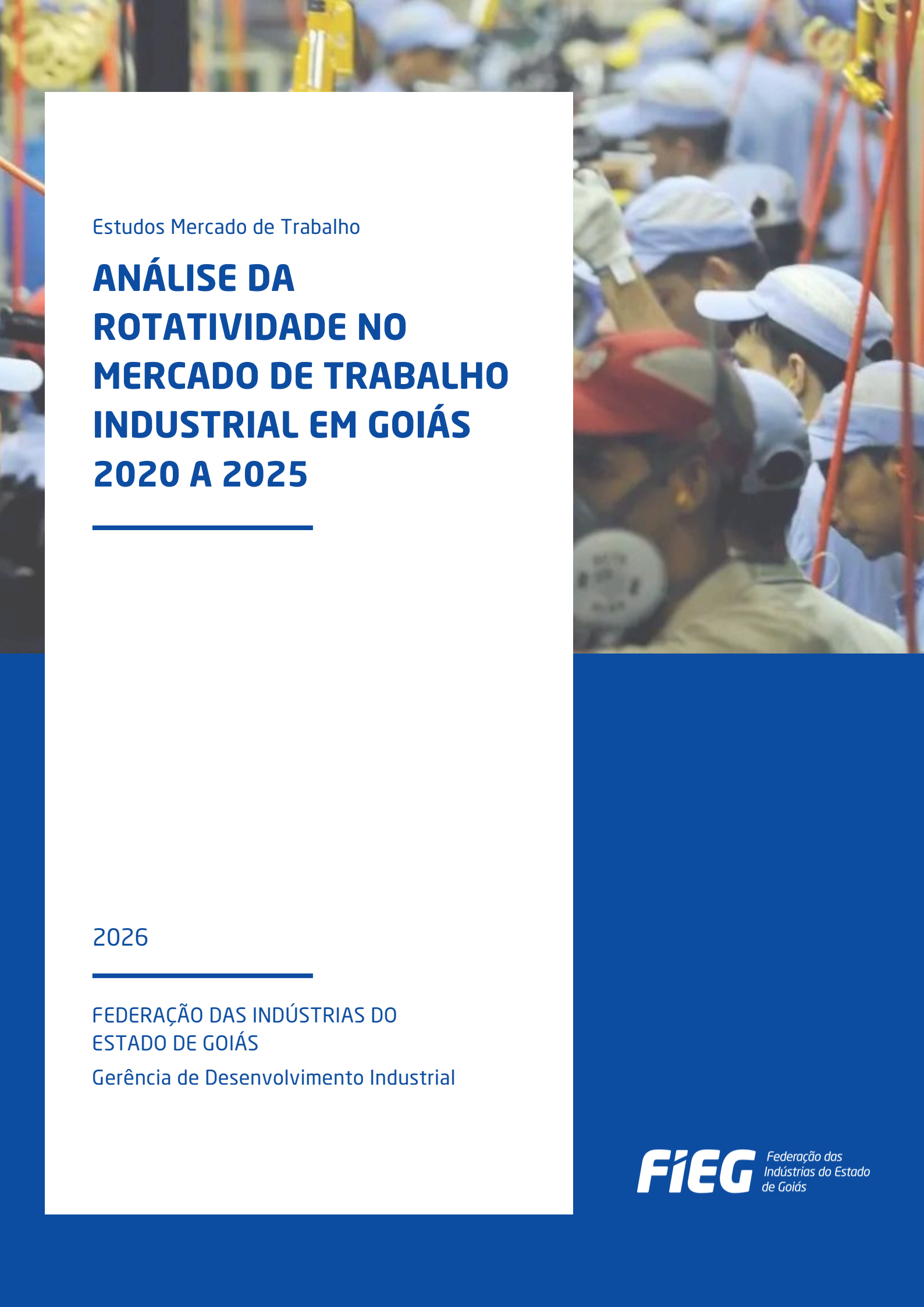




Estudos Mercado de Trabalho

ANÁLISE DA ROTATIVIDADE NO MERCADO DE TRABALHO INDUSTRIAL EM GOIÁS 2020 A 2025

2026

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO
ESTADO DE GOIÁS

Gerência de Desenvolvimento Industrial

FIEG Federação das
Indústrias do Estado
de Goiás

Estudos Mercado de Trabalho

**Análise da Rotatividade no
Mercado de Trabalho
Industrial em Goiás
2020 a 2025**

Goiânia-GO, setembro de 2026

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS - FIEG

André Luiz Baptista Lins Rocha

Presidente

Superintendência da Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Lenner Rocha

Superintendente

Assessoria de Comunicação - ASCOM

Sandra Tokarski Persijn

Gerente

Gerência de Desenvolvimento Industrial - GEDIN

Gustavo Vergara

Gerente

Elaboração do Estudo

Gabriela Parreira

Analista de Desenvolvimento Industrial - GEDIN

Revisão e copidesque

Tatiana Reis - ASCOM

Tayná Freitas - ASCOM

Editoração Eletrônica

Gabriela Parreira - GEDIN

© 2026. FIEG - Federação das Indústrias do Estado de Goiás.

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

FIEG

Gerência de Desenvolvimento Industrial

FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Av. Araguaia, nº 1544

Setor Leste Vila Nova

Edifício Albano Franco

74645-070 - Goiânia-GO

Telefone: (62) 3219-1755

superintendencia@fieg.com.br

www.fieg.com.br

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar a rotatividade no mercado de trabalho industrial de Goiás entre 2020 e 2025, considerando sua evolução, o perfil dos trabalhadores e as diferenças entre os setores industriais. Para isso, foram utilizados dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), para o estoque de trabalhadores, e do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), para os fluxos de admissões e desligamentos. A taxa de rotatividade foi calculada pelo método dos mínimos, utilizado pelo DIEESE, que relaciona o menor valor entre admissões e desligamentos ao estoque médio de trabalhadores. Os resultados mostram aumento da rotatividade no mercado formal goiano, de 37,2% em 2020 para 50,3% em 2025, com maior intensidade entre homens, jovens e trabalhadores com ensino médio completo, enquanto aqueles com maior idade e ensino superior completo apresentam vínculos mais estáveis. Na indústria, a taxa passa de 48,3% para 62,3% no período e permanece acima da média nacional em todos os anos analisados. Também são observadas diferenças importantes entre os setores industriais, relacionadas às características da atividade, à intensidade de mão de obra, à qualificação exigida e à própria organização da produção. Os resultados reforçam que a rotatividade é um fenômeno heterogêneo e que sua interpretação deve considerar, além da intensidade das substituições, o perfil dos trabalhadores e as particularidades produtivas de cada atividade.

SUMÁRIO

1. Introdução	6
2. O que é rotatividade?	8
3. Metodologia	9
3.1 Base de dados	9
3.2 Método de cálculo da rotatividade	9
4. Resultados Gerais Para Goiás	10
4.1 Análise descritiva dos dados	10
4.2 Taxa de rotatividade em Goiás	12
5. Resultados Indústria Goiana	16
5.1 Análise descritiva dos dados	16
5.2 Taxa de rotatividade da indústria	18
5.2.1 Taxa de rotatividade da indústria de transformação	19
5.2.2 Taxa de rotatividade da construção	20
5.2.3 Taxa de rotatividade da indústria extrativa	21
5.2.4 Taxa de rotatividade da indústria de eletricidade e gás	22
5.2.5 Taxa de rotatividade da indústria de saneamento	24
6. Considerações Finais	25
Referências Bibliográficas	26

1. INTRODUÇÃO

A dinâmica do mercado de trabalho não se restringe à variação do número de empregos existentes em determinado período. Por trás do crescimento, da estabilidade ou da redução do estoque de trabalhadores, ocorre um fluxo contínuo de admissões e desligamentos, associado tanto à criação e à destruição de postos de trabalho quanto à substituição de trabalhadores em postos existentes. Nesse sentido, a análise exclusiva do saldo líquido de empregos pode ocultar uma movimentação significativamente maior no mercado de trabalho, tornando os indicadores de fluxo importantes para uma compreensão mais ampla de sua dinâmica (CORSEUIL; RIBEIRO, 2012).

É nesse contexto que se insere a rotatividade da mão de obra, fenômeno relacionado ao movimento de entrada e saída dos trabalhadores dos vínculos de emprego. Admissões e desligamentos constituem parte natural do funcionamento do mercado de trabalho, permitindo que empresas ajustem sua força de trabalho e que trabalhadores se desloquem entre diferentes postos. Entretanto, quando a substituição de trabalhadores ocorre de maneira intensa e recorrente, a elevada rotatividade pode assumir caráter estrutural e produzir efeitos relevantes sobre a qualidade das relações de trabalho, as empresas e o funcionamento do mercado de trabalho.

No Brasil, a rotatividade constitui uma característica historicamente relevante do mercado de trabalho formal. Estudos do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) mostram que taxas elevadas foram observadas inclusive em períodos caracterizados pela expansão do emprego formal e pelo crescimento da economia. Para a instituição, esse comportamento evidencia a presença de significativa flexibilidade contratual, expressa no movimento recorrente de admissões e desligamentos utilizado pelas empresas para ajustar o volume de força de trabalho (DIEESE, 2014).

A relevância econômica do fenômeno decorre também de seus possíveis efeitos sobre trabalhadores e empresas. Vínculos de curta duração e fluxos elevados de desligamentos podem estar associados à insegurança no emprego e à perda do capital humano específico acumulado durante a relação de trabalho (CORSEUIL et al., 2013). Gonzaga (1998), por sua vez, destaca que uma elevada rotatividade pode reduzir os incentivos ao investimento em treinamento dentro das empresas, limitando a acumulação de capital humano específico e, conseqüentemente, afetando a produtividade e a qualidade dos empregos.

A rotatividade, contudo, não se manifesta de maneira homogênea entre as atividades econômicas. Suas causas e sua intensidade podem variar em função das características produtivas e das relações de trabalho existentes em cada setor. Aspectos como sazonalidade, duração dos contratos, ciclos de negócios, escolaridade e qualificação da mão de obra, níveis salariais e custos de substituição dos trabalhadores contribuem para explicar essas diferenças (DIEESE, 2014).

Essa heterogeneidade torna particularmente relevante a investigação da rotatividade na indústria goiana. A análise dos fluxos de trabalhadores permite complementar os indicadores tradicionais de estoque e saldo de empregos, identificando em que medida a evolução do emprego industrial ocorre acompanhada da permanência dos trabalhadores nos vínculos ou de um processo mais intenso de substituição da mão de obra. Além disso, a desagregação por atividade industrial possibilita verificar diferenças internas à própria indústria, evitando tratá-la como um conjunto homogêneo.

Diante disso, este estudo tem como objetivo analisar a evolução da rotatividade no mercado de trabalho industrial de Goiás entre 2020 e 2025, considerando o comportamento das admissões, dos desligamentos e do estoque de empregos formais. Inicialmente, apresenta-se uma discussão conceitual sobre a rotatividade e a metodologia utilizada para sua mensuração. Em seguida, examina-se a dinâmica geral do mercado de trabalho goiano, estabelecendo uma referência para a interpretação dos resultados da indústria. Por fim, a análise concentra-se no mercado de trabalho industrial, com destaque para a evolução da taxa de rotatividade e para as diferenças observadas entre os setores que compõem a indústria goiana.

2. O QUE É ROTATIVIDADE?

A rotatividade da mão de obra indica a intensidade com que trabalhadores são substituídos nos postos de trabalho ao longo de determinado período. Diferentemente do saldo de empregos, que mostra apenas a diferença entre admissões e desligamentos, a taxa de rotatividade procura mensurar o movimento de substituição existente por trás dessas entradas e saídas. Na metodologia do DIEESE, utiliza-se o menor valor entre admissões e desligamentos em relação ao estoque de trabalhadores como aproximação desse movimento (DIEESE, 2014).

A interpretação é relativamente simples. Uma taxa de rotatividade de 20%, por exemplo, indica que, ao longo do ano, o volume estimado de substituições correspondeu a 20% do estoque médio de trabalhadores — o equivalente a 2 substituições para cada 10 trabalhadores. Da mesma forma, uma taxa de 60% representa aproximadamente 6 substituições para cada 10 trabalhadores. Assim, quanto maior a taxa, mais intensa é a movimentação da mão de obra em relação ao tamanho daquele mercado de trabalho.

A taxa de rotatividade também pode ultrapassar 100%. Isso ocorre quando o número de substituições registrado ao longo do ano supera o estoque médio de trabalhadores. Uma taxa de 120%, por exemplo, indica que ocorreram aproximadamente 12 substituições para cada 10 trabalhadores do estoque médio. Isso não significa que toda a mão de obra tenha sido substituída ou renovada, nem que 120% dos trabalhadores tenham deixado seus postos. A taxa contabiliza as movimentações ocorridas durante o ano, e um mesmo posto de trabalho pode passar por mais de uma substituição no período. Assim, taxas superiores a 100% indicam uma movimentação muito intensa da mão de obra, e não necessariamente a renovação completa do quadro de trabalhadores. Esse comportamento é possível em atividades com elevada movimentação, como a construção civil, para a qual o DIEESE já registrou taxas superiores a 100%.

Não existe, entretanto, um limite universal que determine quando uma taxa de rotatividade deve ser considerada baixa ou alta. Sua interpretação deve considerar o histórico da própria atividade e a comparação com setores semelhantes, uma vez que características como sazonalidade, duração dos contratos, qualificação exigida e dinâmica produtiva podem influenciar a movimentação dos trabalhadores. Por isso, neste estudo, as taxas dos setores industriais de Goiás são analisadas tanto por sua evolução entre 2020 e 2025 quanto pela comparação com as respectivas taxas nacionais.

3. METODOLOGIA

3.1. Base de Dados

A análise utiliza informações provenientes de duas bases de registros administrativos do mercado de trabalho formal brasileiro: a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED).

A RAIS foi utilizada para obtenção do estoque de trabalhadores com vínculos formais de emprego, considerando a série de 2015 a 2025. Para os fluxos de admissões e desligamentos, foram utilizados dados do CAGED para o período de 2020 a 2025. A delimitação temporal decorre da mudança metodológica introduzida com o Novo CAGED a partir de 2020, razão pela qual se optou por não combinar os fluxos anteriores e posteriores à alteração em uma mesma série. Dessa forma, embora os dados de estoque da RAIS tenham sido levantados desde 2015 para oferecer uma referência mais ampla da evolução do emprego formal, o cálculo da rotatividade concentra-se no período de 2020 a 2025.

O estudo parte da análise do conjunto do mercado de trabalho formal de Goiás e, posteriormente, concentra-se na indústria goiana, com desagregação por setores industriais. Para fins comparativos, também foram calculadas as taxas de rotatividade dos mesmos setores industriais em âmbito nacional, utilizando as mesmas bases de dados, período de referência e procedimento de cálculo. Essa comparação permite identificar em que medida os padrões observados em Goiás acompanham ou se diferenciam da dinâmica nacional de cada atividade.

3.2. Método de cálculo da rotatividade

Para mensurar a rotatividade, adotou-se o método utilizado pelo DIEESE, que considera o menor valor entre o número de admissões e desligamentos como uma aproximação do volume de substituições ocorridas no mercado de trabalho. Assim, quando as admissões superam os desligamentos, estes últimos representam a parcela associada à substituição; quando os desligamentos são superiores, utilizam-se as admissões (DIEESE, 2014). A taxa é calculada pela seguinte expressão:

$$TR_t = \frac{\min(A_t, D_t)}{\left(\frac{E_{t-1} + E_t}{2}\right)} \times 100$$

em que TR_t corresponde à taxa de rotatividade no ano t ; A_t , às admissões; D_t , aos desligamentos; E_{t-1} , ao estoque de trabalhadores no final do ano anterior; e E_t , ao estoque no final do ano analisado.

4. RESULTADOS GERAIS PARA GOIÁS

4.1. Análise descritiva dos dados

Antes da análise da rotatividade, é importante observar as principais transformações no perfil do mercado de trabalho formal goiano entre 2015 e 2025. Nesse período, os dados da Rais indicam mudanças na composição etária, no nível de escolaridade, na participação por sexo e na distribuição dos trabalhadores entre os grandes setores de atividade econômica.

Tabela 1 - Distribuição etária de 2015 a 2025 (%) em Goiás

	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Até 17	1,3	1,1	1,0	1,1	0,9	0,7	1,0	1,2	1,1	1,3	1,4
18 - 24	16,4	15,4	14,8	14,8	14,8	14,5	15,2	15,3	14,9	14,7	14,2
25 - 29	15,7	15,3	14,9	14,6	14,5	14,3	14,2	14,3	13,8	13,6	13,2
30 - 39	30,2	30,6	30,6	30,5	30,1	29,6	28,5	27,6	26,8	26,3	25,9
40 - 49	20,9	21,5	22,2	22,3	22,7	23,3	23,3	23,5	24,1	24,1	24,4
50 - 59	12,0	12,5	12,8	12,9	13,1	13,4	13,4	13,5	14,1	14,4	14,9
60+	3,3	3,5	3,7	3,8	4,0	4,2	4,4	4,6	5,2	5,6	6,1

Fonte: FIEG, a partir dos dados da Rais.

Em relação à estrutura etária, observa-se um gradual envelhecimento dos trabalhadores formais em Goiás. Conforme mostra a Tabela 1 acima, a participação das pessoas entre 18 e 29 anos recuou ao longo da série: somadas, as faixas de 18 a 24 e de 25 a 29 anos representavam 31,1% dos trabalhadores em 2015 e passaram para 27,4% em 2025. Em sentido contrário, aumentou a presença das faixas etárias mais elevadas. Os trabalhadores de 50 a 59 anos passaram de 12,0% para 14,9% do total, enquanto aqueles com 60 anos ou mais aumentaram de 3,3% para 6,1%. A faixa de 30 a 39 anos, embora permaneça como a mais representativa, também perdeu participação, passando de 30,2% para 25,9%.

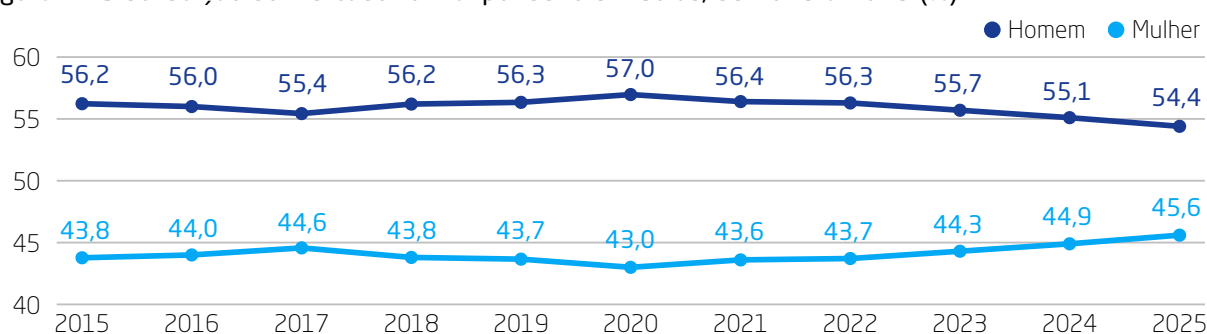
Tabela 2 - Grau de instrução de 2015 a 2025 (%) em Goiás

	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Analfabeto	0,4	0,4	0,3	0,3	0,5	0,5	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4
Fundamental incompleto	13,2	12,1	11,2	10,7	10,3	10,1	9,6	9,2	8,4	8,1	7,7
Fundamental completo	19,4	18,3	17,5	16,4	15,5	14,6	14,1	13,8	12,4	12,1	11,7
Médio completo	48,0	48,6	49,9	51,2	52,7	53,8	55,5	57,0	52,1	52,8	53,0
Superior completo	19,0	20,6	21,1	21,3	21,1	21,0	20,4	19,5	26,7	26,6	27,2

Fonte: FIEG, a partir dos dados da Rais.

A escolaridade apresentou mudança ainda mais expressiva. A Tabela 2 mostra uma redução contínua da participação dos trabalhadores com menor nível de instrução. Aqueles com ensino fundamental incompleto representavam 13,2% do emprego formal em 2015 e passaram a 7,7% em 2025, enquanto a participação do fundamental completo caiu de 19,4% para 11,7%. Paralelamente, aumentou a concentração nos níveis mais elevados de escolaridade. O ensino médio completo passou de 48,0% para 53,0% do total e o superior completo avançou de 19,0% para 27,2%. Os dados apontam, portanto, para uma elevação do nível de escolaridade da força de trabalho formal goiana ao longo da década.

Figura 1 - Distribuição do mercado formal por sexo em Goiás, de 2015 a 2025 (%)



Fonte: FIEG, a partir dos dados da Rais.

Também houve alteração gradual na composição do emprego por sexo. Conforme apresentado na Figura 1, os homens permaneceram majoritários durante todo o período, mas sua participação diminuiu de 56,2% em 2015 para 54,4% em 2025. No mesmo intervalo, a participação feminina aumentou de 43,8% para 45,6%. A mudança foi mais evidente nos últimos anos da série e indica uma redução gradual da diferença entre homens e mulheres no mercado formal de trabalho de Goiás.

Tabela 3 - Distribuição dos trabalhadores por setor de atividade (%) para Goiás

Sector de Atividade	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Indústria Geral	16,9	16,6	16,0	15,9	16,3	17,3	17,4	16,8	16,1	16,2	15,9
Construção Civil	5,0	4,4	4,2	4,2	4,4	4,8	5,0	5,1	5,0	5,17	5,17
Comércio	19,8	19,8	19,0	19,3	19,4	19,3	19,2	18,8	17,9	17,5	17,0
Serviços	52,1	52,7	54,5	54,1	53,7	52,2	52,0	52,4	54,5	54,8	55,8
Agropecuária	6,2	6,6	6,3	6,5	6,2	6,4	6,4	6,9	6,5	6,3	6,0

Fonte: FIEG, a partir dos dados da Rais.

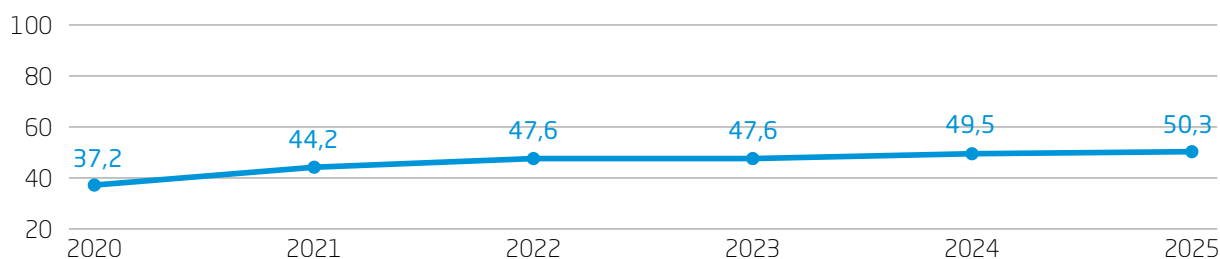
Por fim, a Tabela 3 evidencia mudanças na distribuição dos trabalhadores entre os grandes setores da economia. Os serviços ampliaram sua participação de 52,1% em 2015 para 55,8% em 2025, consolidando-se como principal empregador formal do estado. Em contrapartida, o comércio reduziu sua participação de 19,8% para 17,0%. A indústria geral também apresentou redução, de 16,9% para 15,9%, embora com oscilações ao longo do período. A construção civil manteve participação relativamente estável, passando de 5,0% para 5,17%, enquanto a agropecuária apresentou pequena redução, de 6,2% para 6,0%.

Em conjunto, os indicadores mostram que, entre 2015 e 2025, o mercado formal goiano passou por mudanças graduais em sua composição, caracterizadas principalmente pelo aumento da escolaridade, envelhecimento da força de trabalho, maior participação feminina e avanço dos serviços na estrutura do emprego. Essas transformações fornecem o contexto para a análise da rotatividade a partir de 2020, uma vez que mudanças no perfil dos trabalhadores e na composição setorial podem estar associadas a diferentes padrões de movimentação da mão de obra.

4.2. Taxa de rotatividade em Goiás

A taxa de rotatividade do mercado de trabalho formal goiano apresentou trajetória de crescimento entre 2020 e 2025, passando de 37,2% para 50,3%, conforme a Figura 2. Em termos práticos, isso significa que, em 2025, o volume de substituições ao longo do ano foi equivalente a cerca de cinco substituições para cada dez trabalhadores do estoque médio. O resultado mostra uma intensificação da movimentação da mão de obra no período.

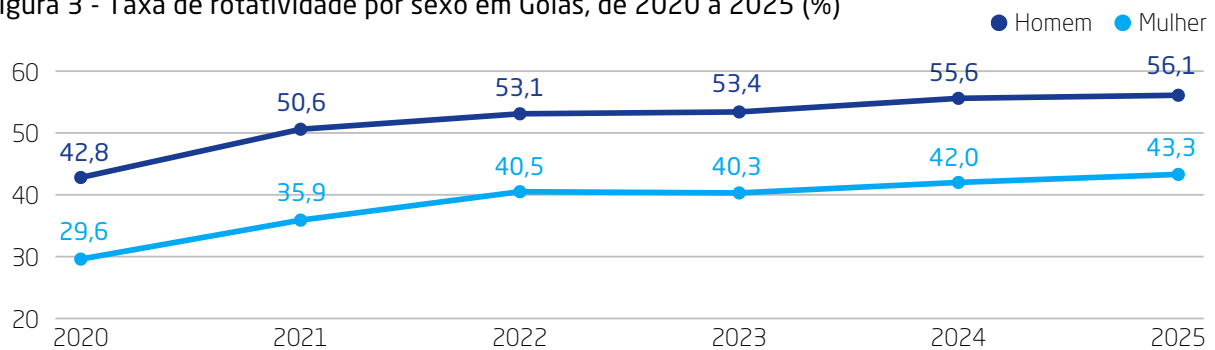
Figura 2 - Taxa de rotatividade em Goiás (%)



Fonte: FIEG, a partir dos dados da Rais.

A Figura 3 mostra que a rotatividade é maior entre os homens durante toda a série. Em 2025, a taxa masculina foi de 56,1%, contra 43,3% entre as mulheres. Essa diferença pode estar relacionada à própria composição do emprego, já que homens e mulheres se distribuem de forma diferente entre setores e ocupações. Por isso, o dado deve ser interpretado menos como um efeito direto do sexo e mais como reflexo das características dos postos ocupados por cada grupo.

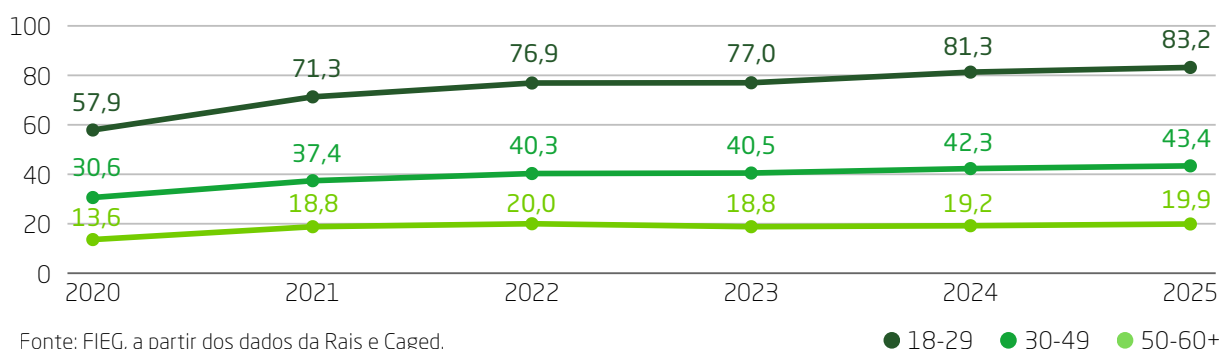
Figura 3 - Taxa de rotatividade por sexo em Goiás, de 2020 a 2025 (%)



Fonte: FIEG, a partir dos dados da Rais e Caged.

A idade é a característica em que a diferença se mostra mais acentuada. Segundo a Figura 4, a taxa entre trabalhadores de 18 a 29 anos chegou a 83,2% em 2025, enquanto ficou em 43,4% entre aqueles de 30 a 49 anos e em 19,9% para os trabalhadores com 50 anos ou mais. Esse padrão é coerente com os estudos do Dieese, que também identificam maior rotatividade entre os mais jovens. Em termos econômicos, isso sugere que os trabalhadores jovens estão mais inseridos em vínculos sujeitos a maior movimentação e, ao mesmo tempo, tendem a circular mais entre diferentes postos ao longo da trajetória profissional.

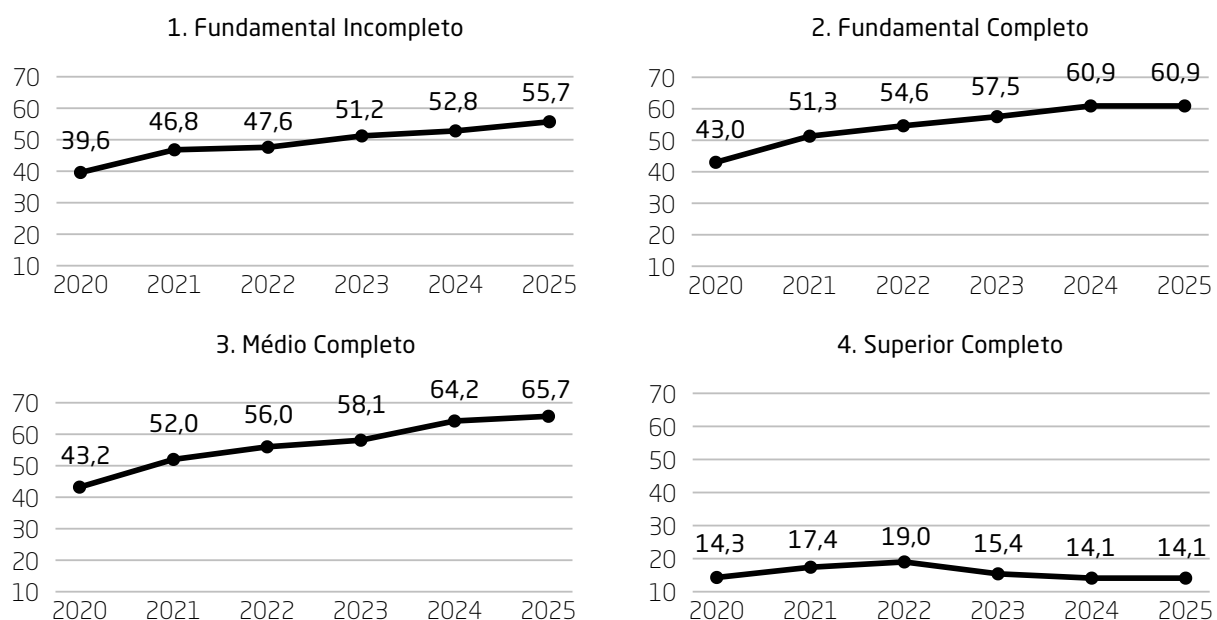
Figura 4 - Taxa de rotatividade por faixa etária em Goiás, de 2020 a 2025 (%)



Fonte: FIEG, a partir dos dados da Rais e Caged.

A escolaridade acrescenta outra dimensão importante. A Figura 5 mostra que os trabalhadores com superior completo apresentam uma dinâmica claramente distinta: sua taxa foi de apenas 14,1% em 2025, contra 55,7% entre aqueles com fundamental incompleto, 60,9% no fundamental completo e 65,7% no ensino médio completo. O resultado é coerente com a literatura, que identifica maior estabilidade nos postos associados a níveis mais elevados de escolaridade, uma vez que a substituição desses trabalhadores costuma envolver custos mais elevados de recrutamento e treinamento. O resultado goiano reforça essa relação, embora mostre também que a escolaridade, sozinha, não explica toda a dinâmica, já que o maior valor ocorre entre trabalhadores com ensino médio completo.

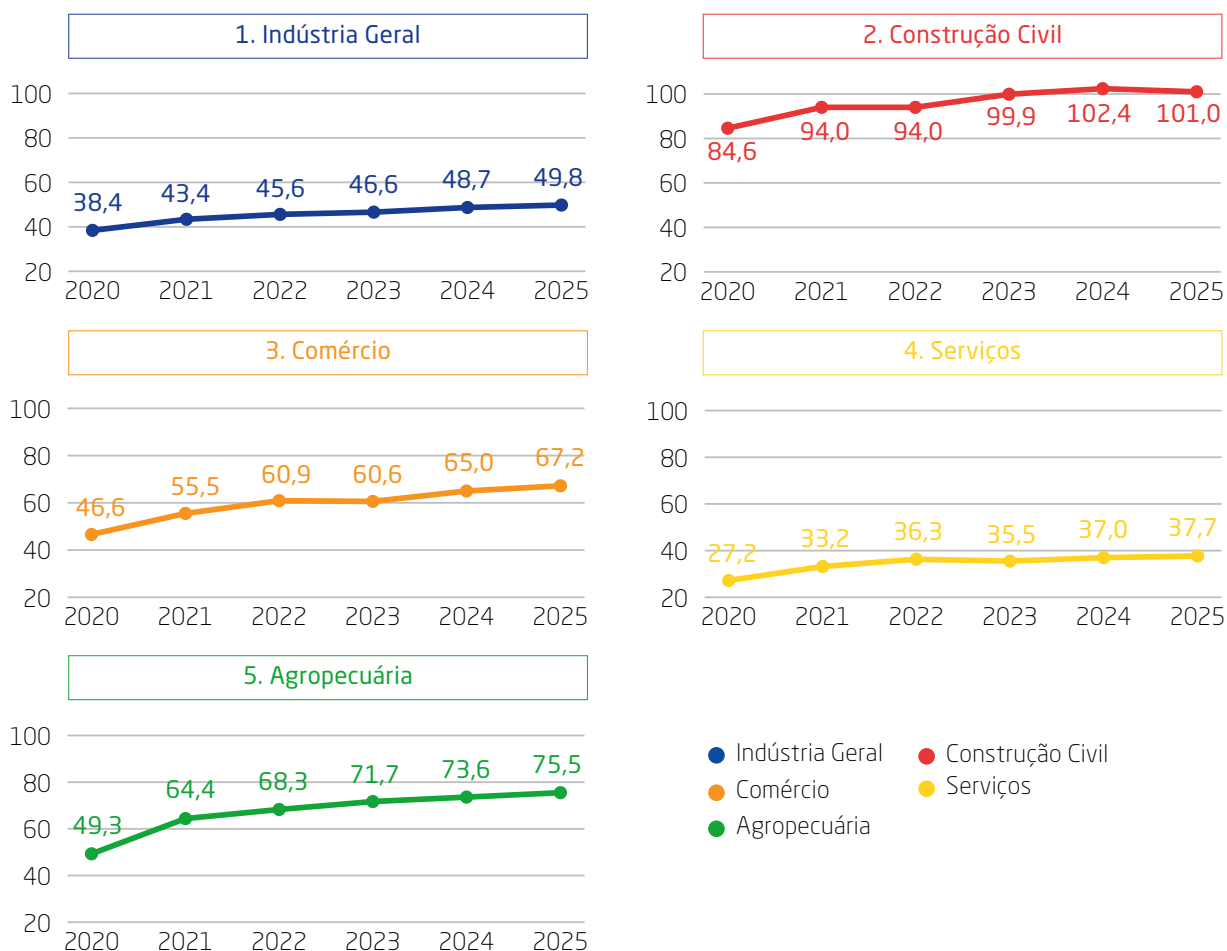
Figura 5 - Taxa de rotatividade por escolaridade em Goiás (%)



Fonte: FIEG, a partir dos dados da Rais e Caged.

As diferenças entre setores são igualmente expressivas. Conforme a Figura 6, a construção civil apresentou a maior taxa em todos os anos e atingiu 101,0% em 2025. Esse valor não significa que toda a força de trabalho do setor foi substituída, mas que o volume de substituições superou o estoque médio de trabalhadores. A própria organização produtiva da construção contribui para essa dinâmica: cada obra constitui um projeto desenvolvido em etapas, com diferentes necessidades de mão de obra ao longo de sua execução. Assim, o término de empreendimentos e o início de novas obras podem produzir sucessivos movimentos de desligamento e contratação (DIEESE, 2016).

Figura 6 - Taxa de rotatividade por setor de atividade em Goiás (%)



Fonte: FIEG, a partir dos dados da Rais e Caged.

Entre os demais setores, em 2025, a agropecuária apresentou a segunda maior taxa (75,5%), seguida pelo comércio (67,2%), enquanto a indústria geral (49,8%) e os serviços (37,7%) registraram níveis inferiores. Além das diferenças de patamar, chama atenção o crescimento da rotatividade em praticamente todos os setores entre 2020 e 2025. A ordenação observada em Goiás é semelhante à encontrada pelo Dieese para o mercado brasileiro em períodos anteriores, nos quais construção, agricultura e comércio figuravam entre as atividades de maior rotatividade, enquanto a indústria geral apresentava taxas inferiores. No caso da agropecuária, a sazonalidade dos ciclos produtivos constitui um componente relevante; na construção, prevalece a dinâmica das obras e suas diferentes etapas. Isso evidencia que uma mesma taxa pode decorrer de mecanismos econômicos distintos e reforça a necessidade de interpretar o indicador à luz das características produtivas de cada atividade.

5. RESULTADOS INDÚSTRIA GOIANA

5.1. Análise descritiva dos dados

A estrutura do emprego industrial em Goiás passou por mudanças graduais entre 2015 e 2025. Conforme a Tabela 4, a indústria de transformação concentra 66,2% dos trabalhadores industriais em 2025, permanecendo como principal segmento empregador, embora sua participação tenha diminuído em relação aos 70,3% de 2015. No mesmo período, a construção ampliou sua participação de 22,8% para 24,5%, enquanto água e saneamento passou de 3,2% para 6,2%. A indústria extrativa e eletricidade e gás, por sua vez, mantêm participações menores na estrutura do emprego industrial.

Tabela 4 - Distribuição dos trabalhadores por setor industrial (%) para Goiás

Atividade Industrial	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Construção	22,8	20,8	20,7	20,9	21,3	21,6	22,4	23,4	23,6	24,2	24,5
Indústrias de transformação	70,3	72,0	72,6	72,1	72,2	70,2	68,8	67,6	66,8	66,32	66,23
Indústrias extrativas	2,7	2,6	2,4	2,5	2,3	2,4	2,4	2,6	2,6	2,3	2,3
Eletricidade e gás	0,9	1,0	0,8	0,7	0,7	0,7	0,8	0,6	0,8	0,8	0,8
Água e saneamento	3,2	3,5	3,5	3,7	3,5	5,0	5,6	5,8	6,1	6,4	6,2

Fonte: FIEG, a partir dos dados da Rais.

A composição etária também se modificou ao longo da década. De acordo com a Tabela 5, os trabalhadores de 18 a 29 anos reduziram sua participação de 38,2% em 2015 para 30,5% em 2025. Em sentido contrário, aqueles com 40 anos ou mais passaram de 29,5% para 40,9% do total. Os dados apontam para um envelhecimento gradual da mão de obra industrial, embora a presença dos jovens continue relevante: eles representam cerca de três em cada dez trabalhadores da indústria e possuem participação superior à observada no conjunto do mercado formal goiano (27,4%).

Tabela 5 - Distribuição etária de 2015 a 2025 (%) dos trabalhadores industriais em Goiás

	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Até 17	0,9	0,7	0,5	0,6	0,6	0,5	0,6	0,7	0,7	0,7	0,7
18 - 24	19,8	18,3	17,8	17,4	16,8	16,7	17,2	16,8	16,5	16,4	16,1
25 - 29	18,4	17,9	17,7	17,2	16,8	16,3	15,9	15,7	15,2	14,9	14,4
30 - 39	31,5	32,4	32,6	32,8	32,6	31,9	30,6	29,6	29,0	28,5	27,9
40 - 49	18,0	18,8	19,4	19,9	20,4	21,1	21,5	22,2	22,8	23,0	23,5
50 - 59	9,1	9,4	9,4	9,6	9,9	10,5	10,8	11,3	11,7	12,1	12,7
60+	2,4	2,6	2,5	2,7	2,9	3,1	3,4	4,1	4,1	4,4	4,7

Fonte: FIEG, a partir dos dados da Rais.

No perfil educacional, destaca-se o avanço do ensino médio completo, que passa de 47,0% dos trabalhadores em 2015 para 59,5% em 2025, conforme a Tabela 6. Ao mesmo tempo, a participação do fundamental incompleto recua de 20,2% para 13,0% e a do fundamental completo, de 24,9% para 16,1%. O superior completo também ganha espaço, passando de 7,3% para 10,8%. Assim, a elevação da escolaridade da mão de obra industrial ocorre principalmente pela expansão do ensino médio e redução da participação dos níveis mais baixos de instrução.

Tabela 6 - Distribuição dos trabalhadores industriais por grau de instrução de 2015 a 2025 (%) em Goiás

	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Analfabeto	0,6	0,5	0,5	0,4	0,6	0,6	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5
Fundamental incompleto	20,2	17,9	16,9	15,8	16,2	16,4	15,2	14,1	13,7	13,2	13,0
Fundamental completo	24,9	23,0	21,7	20,3	20,0	19,3	18,8	18,0	16,6	16,4	16,1
Médio completo	47,0	48,6	52,4	54,0	54,4	54,9	56,5	58,9	57,8	58,9	59,5
Superior completo	7,3	9,9	8,6	9,4	8,8	8,9	8,9	8,5	11,3	11,0	10,8

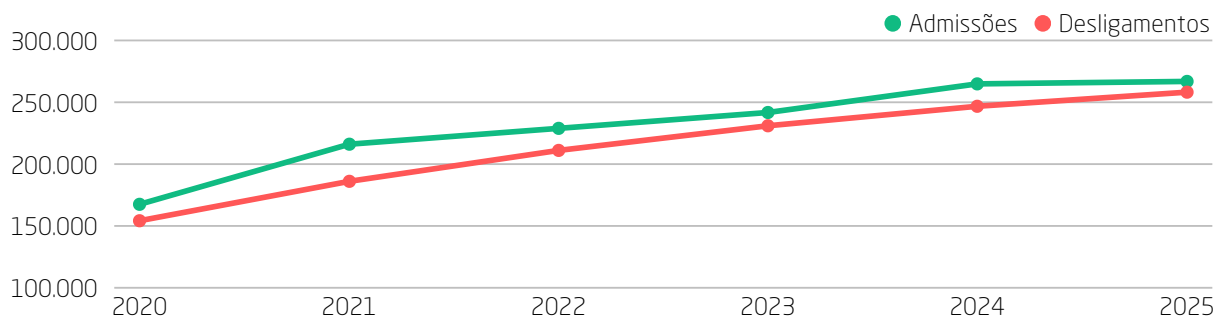
Fonte: FIEG, a partir dos dados da Rais.

Esse perfil ajuda a contextualizar a dinâmica da rotatividade na indústria goiana. Atualmente, cerca de três em cada dez trabalhadores industriais têm entre 18 e 29 anos e seis em cada dez possuem ensino médio completo, grupos que apresentam maior rotatividade no mercado de trabalho goiano. Além disso, as diferenças na estrutura produtiva dos segmentos industriais tornam importante observar a rotatividade de forma desagregada, como apresentado na seção seguinte.

5.2. Taxa de rotatividade da indústria

A indústria goiana ampliou o número de contratações ao longo do período, mas também passou a movimentar mais trabalhadores. Como mostra a Figura 7, admissões e desligamentos cresceram entre 2020 e 2025, com as admissões permanecendo superiores às saídas. Assim, o crescimento do emprego industrial ocorreu ao mesmo tempo em que aumentou a entrada e saída de trabalhadores dos postos de trabalho.

Figura 7 - Evolução das admissões e desligamentos da indústria em Goiás

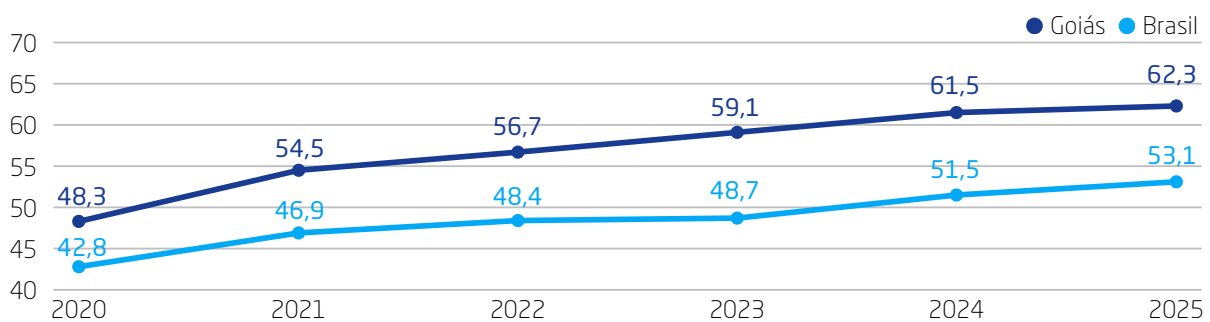


Fonte: FIEG, a partir dos dados do Caged.

Esse movimento se traduz no avanço da taxa de rotatividade. Conforme a Figura 8, o indicador passou de 48,3% em 2020 para 62,3% em 2025. Na prática, o resultado mais recente equivale a aproximadamente seis substituições para cada dez trabalhadores do estoque médio da indústria. A trajetória mostra que a movimentação da mão de obra industrial se tornou mais intensa ao longo dos últimos anos.

Outro aspecto relevante é que a indústria goiana apresenta rotatividade superior à média nacional em todo o período analisado. Em 2025, a taxa chega a 62,3% em Goiás, frente a 53,1% no Brasil. A diferença, que era de 5,5 pontos percentuais em 2020, alcança 9,2 pontos em 2025, indicando que a rotatividade avançou mais rapidamente no estado.

Figura 8 - Taxa de rotatividade da indústria estadual e nacional (%)



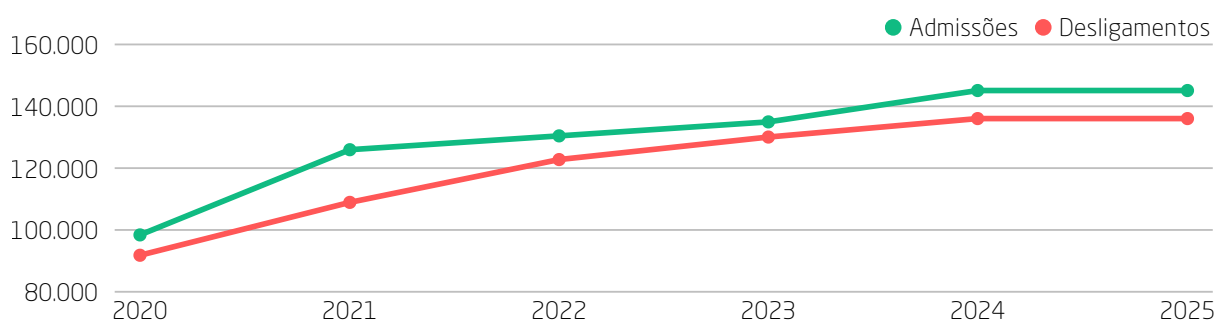
Fonte: FIEG, a partir dos dados da Rais e Caged.

Esse resultado agregado, porém, reúne atividades com dinâmicas bastante diferentes. Características como duração dos vínculos, qualificação da mão de obra e organização da produção ajudam a explicar por que alguns segmentos apresentam maior rotatividade que outros (DIEESE, 2014). Por isso, a análise a seguir detalha o comportamento de cada setor da indústria goiana e sua comparação com o cenário nacional.

5.2.1 Taxa de rotatividade da indústria de transformação

A indústria de transformação apresentou crescimento das admissões e dos desligamentos entre 2020 e 2025, conforme a Figura 9. As admissões permaneceram superiores aos desligamentos em toda a série, indicando expansão do emprego, mas acompanhada de aumento da movimentação da mão de obra. Em 2025, os dois fluxos apresentam relativa estabilidade em relação ao ano anterior.

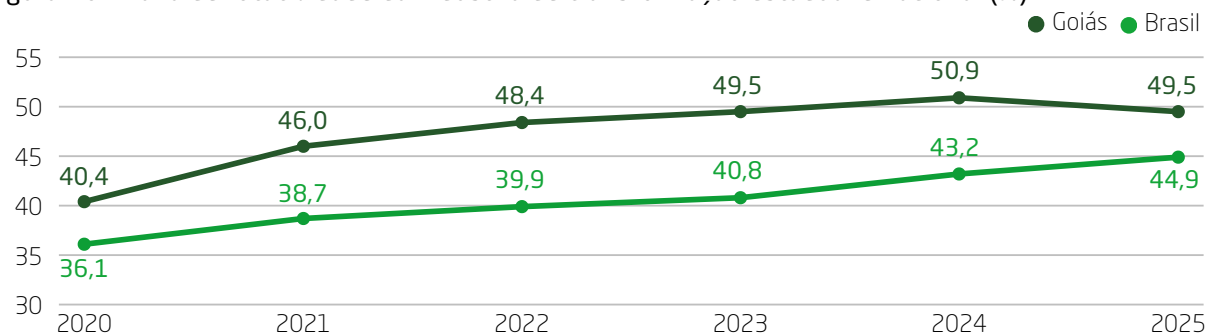
Figura 9 - Evolução das admissões e desligamentos da indústria de transformação em Goiás



Fonte: FIEG, a partir dos dados do Caged.

Esse movimento se reflete na taxa de rotatividade, que passa de 40,4% em 2020 para 49,5% em 2025, conforme a Figura 10. O indicador cresce de forma praticamente contínua até atingir 50,9% em 2024, com leve recuo no último ano. Em termos práticos, a taxa de 2025 representa um volume equivalente a aproximadamente cinco substituições para cada dez trabalhadores do estoque médio da indústria de transformação.

Figura 10 - Taxa de rotatividade da indústria de transformação estadual e nacional (%)



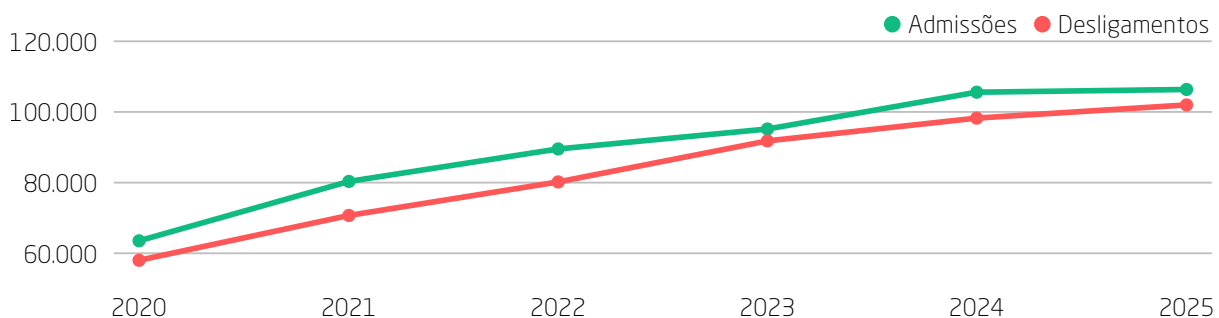
Fonte: FIEG, a partir dos dados da Rais e Caged.

Outro ponto de destaque é que a rotatividade da indústria de transformação em Goiás permanece acima da média brasileira em toda a série. Em 2025, são 49,5% no estado, frente a 44,9% no país. Essa taxa agregada, contudo, reúne atividades com características produtivas bastante distintas. A indústria de transformação abrange desde segmentos mais intensivos em mão de obra, com maior volume de contratações e substituições, até atividades que demandam trabalhadores mais especializados e apresentam maior custo de reposição. Portanto, o resultado agregado deve ser interpretado como uma síntese de diferentes padrões de movimentação da mão de obra dentro da própria indústria de transformação.

5.2.2 Taxa de rotatividade da construção

A construção combina expansão do emprego com elevada movimentação da mão de obra. A Figura 11 mostra crescimento contínuo das admissões e dos desligamentos entre 2020 e 2025, com as contratações acima das saídas em todos os anos. Esse movimento é compatível com um setor em expansão, no qual a abertura de novas frentes de trabalho ocorre paralelamente ao encerramento de outras.

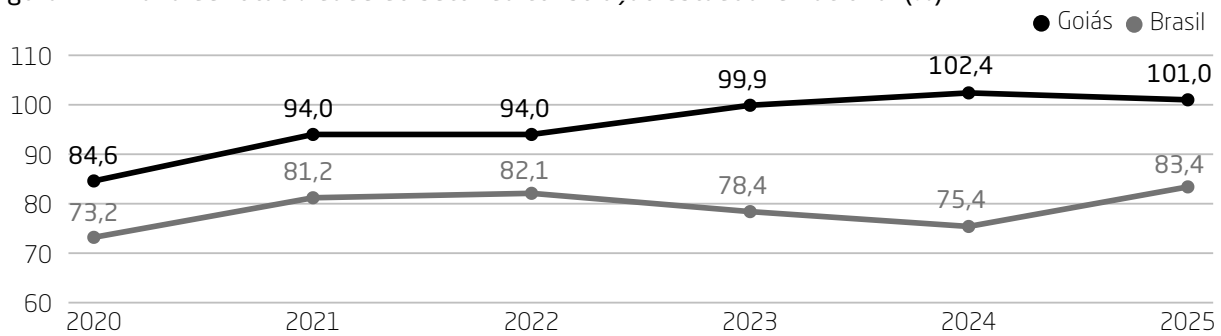
Figura 11 - Evolução das admissões e desligamentos da construção em Goiás



Fonte: FIEG, a partir dos dados do Caged.

Essa dinâmica ajuda a explicar a elevada rotatividade apresentada na Figura 12. Em Goiás, a taxa passa de 84,6% em 2020 para 101,0% em 2025, resultado que deve ser interpretado à luz das características da atividade. As obras possuem duração determinada, passam por etapas que demandam diferentes perfis e quantidades de trabalhadores e estão distribuídas territorialmente, fazendo com que a demanda por mão de obra se desloque entre municípios e regiões conforme novos empreendimentos são iniciados e outros concluídos. Assim, parte da movimentação está associada aos próprios ciclos produtivo e territorial da construção, com abertura e encerramento de frentes de trabalho em diferentes localidades.

Figura 12 - Taxa de rotatividade do setor da construção estadual e nacional (%)



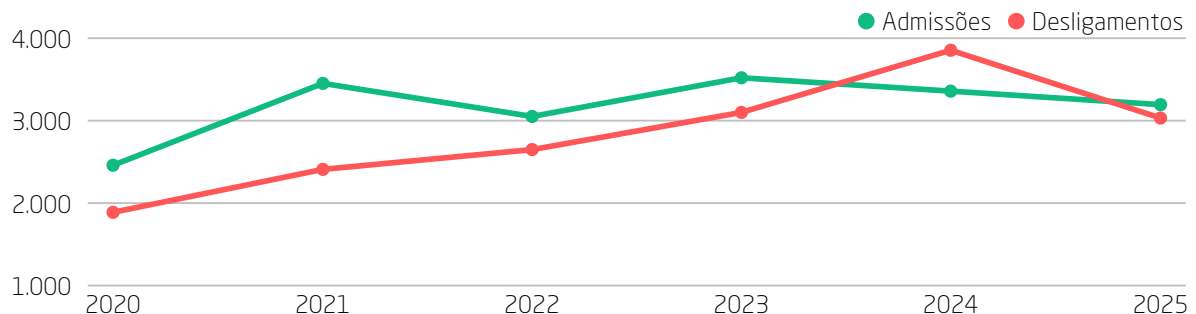
Fonte: FIEG, a partir dos dados da Rais e Caged.

Ainda assim, a intensidade observada em Goiás se destaca. Em 2025, a rotatividade da construção goiana alcança 101,0%, frente a 83,4% no Brasil, diferença de 17,6 pontos percentuais. O diferencial permanece durante toda a série e se amplia principalmente a partir de 2023. Portanto, embora a elevada rotatividade seja uma característica estrutural da construção, os dados apontam para uma movimentação particularmente intensa da mão de obra no setor em Goiás.

5.2.3 Taxa de rotatividade da indústria extrativa

A indústria extrativa apresenta fluxos de emprego menores e mais oscilantes, característica compatível com o menor tamanho do setor na estrutura industrial goiana. Conforme a Figura 13, as admissões superam os desligamentos na maior parte do período, mas essa relação se inverte em 2024, quando as saídas atingem o maior nível da série. Em 2025, há redução dos dois fluxos e as contratações voltam a superar os desligamentos, indicando uma acomodação da movimentação do emprego.

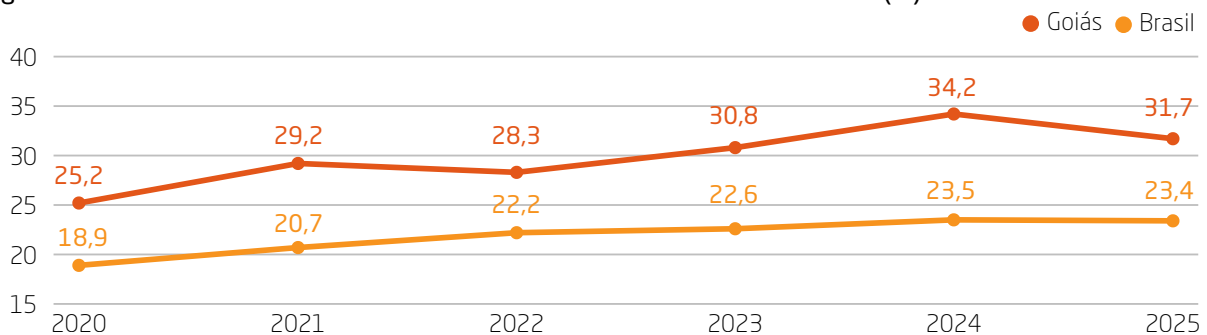
Figura 13 - Evolução das admissões e desligamentos da indústria extrativa em Goiás



Fonte: FIEG, a partir dos dados do Caged.

A taxa de rotatividade acompanha essas oscilações, mas permanece em patamar relativamente baixo quando comparada aos demais segmentos industriais. Como mostra a Figura 14, a taxa em Goiás varia de 25,2% em 2020 para 31,7% em 2025, atingindo seu máximo de 34,2% em 2024. A indústria extrativa possui particularidades que ajudam a compreender esse comportamento: atividades como mineração são intensivas em capital, dependem de instalações, equipamentos e operações especializadas e tendem a demandar qualificação e experiência específicas. Essas características elevam o custo de substituição e favorecem vínculos de trabalho mais estáveis.

Figura 14 - Taxa de rotatividade da indústria extrativa estadual e nacional (%)



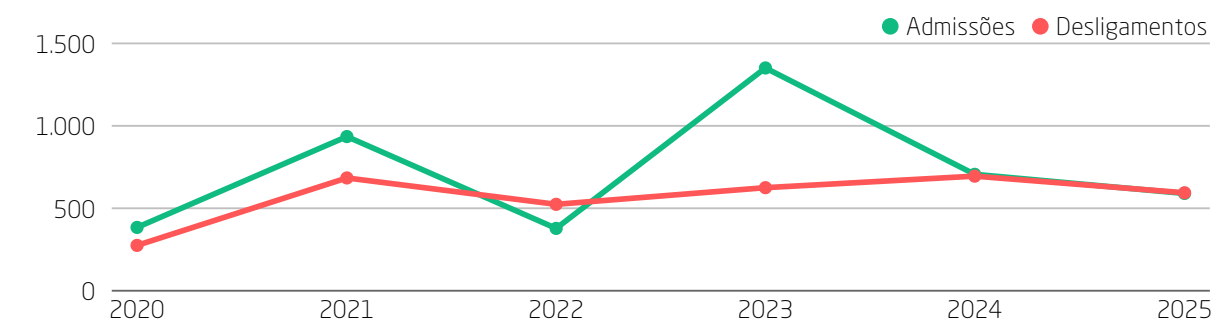
Fonte: FIEG, a partir dos dados da Rais e Caged.

Apesar do patamar relativamente baixo, Goiás apresenta rotatividade superior à média nacional em todos os anos analisados. Em 2025, a taxa estadual é de 31,7%, frente a 23,4% no Brasil. A diferença mostra que existem particularidades na dinâmica da indústria extrativa goiana, mas as oscilações devem ser analisadas com cautela: como o setor representa apenas 2,3% do emprego industrial do estado, variações relativamente pequenas no número de admissões ou desligamentos podem produzir mudanças mais perceptíveis na taxa de rotatividade.

5.2.4 Taxa de rotatividade da indústria de eletricidade e gás

A indústria de eletricidade e gás apresenta uma dinâmica de emprego distinta dos segmentos analisados anteriormente. Conforme a Figura 15, admissões e desligamentos são relativamente baixos e oscilam ao longo da série, com picos de contratação em 2021 e, principalmente, em 2023. Essas variações devem ser interpretadas considerando a pequena dimensão do setor, que representa menos de 1% do emprego industrial goiano. Assim, movimentos pontuais de contratação podem provocar alterações expressivas nos indicadores de um ano para outro.

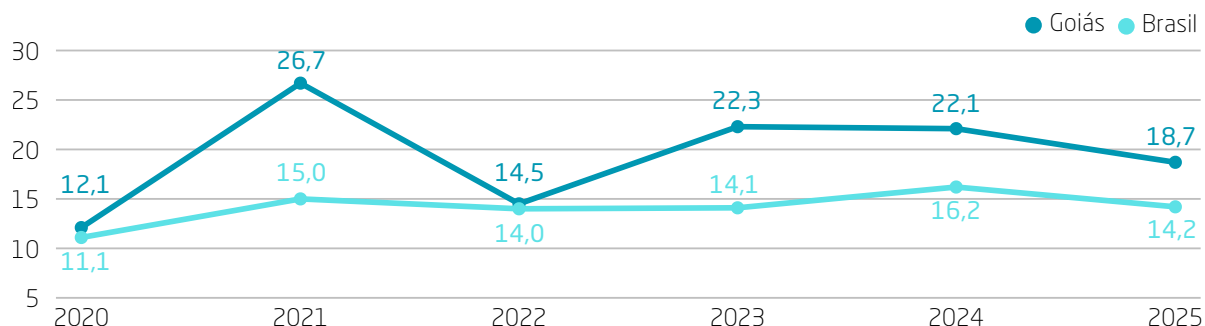
Figura 15 - Evolução das admissões e desligamentos da indústria de eletricidade e gás em Goiás



Fonte: FIEG, a partir dos dados do Caged.

Apesar dessas oscilações, a rotatividade permanece baixa. Segundo a Figura 16, a taxa em Goiás varia de 12,1% em 2020 para 18,7% em 2025, com picos de 26,7% em 2021 e 22,3% em 2023, justamente anos marcados pelo aumento das admissões. O comportamento é compatível com uma atividade intensiva em capital e infraestrutura, na qual parte relevante dos postos exige conhecimentos técnicos e especializados. Nesse contexto, a necessidade de qualificação e o maior custo de reposição da mão de obra tendem a favorecer vínculos mais estáveis.

Figura 16 - Taxa de rotatividade da indústria de eletricidade e gás estadual e nacional (%)



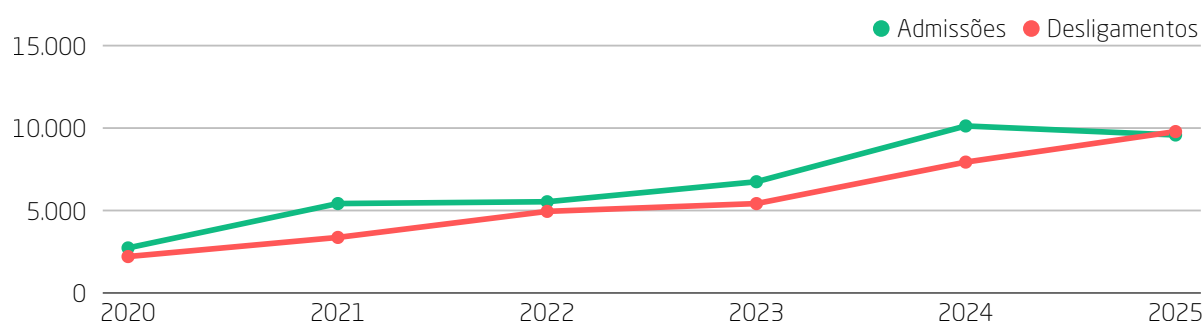
Fonte: FIEG, a partir dos dados da Rais e Caged.

Na comparação nacional, Goiás apresenta maior volatilidade, enquanto a taxa brasileira se mantém mais estável, entre 11,1% e 16,2% no período. Em 2025, a rotatividade estadual alcança 18,7%, frente a 14,2% no Brasil. Mais do que indicar uma movimentação estruturalmente elevada, as diferenças observadas reforçam o efeito da pequena escala do emprego no setor goiano, em que alterações pontuais nos fluxos de trabalhadores têm maior impacto sobre a taxa.

5.2.5 Taxa de rotatividade da indústria de saneamento

A indústria de saneamento apresenta uma expansão expressiva dos fluxos de trabalho ao longo do período. Conforme a Figura 17, admissões e desligamentos avançam de forma relativamente próxima até 2023 e aceleram nos dois anos seguintes. Em 2025, ambos se aproximam de 10 mil movimentações. Esse crescimento ocorre em paralelo ao aumento da participação do saneamento no emprego industrial goiano, que passou de 3,2% em 2015 para 6,2% em 2025, indicando um segmento que ganhou espaço na estrutura industrial do estado.

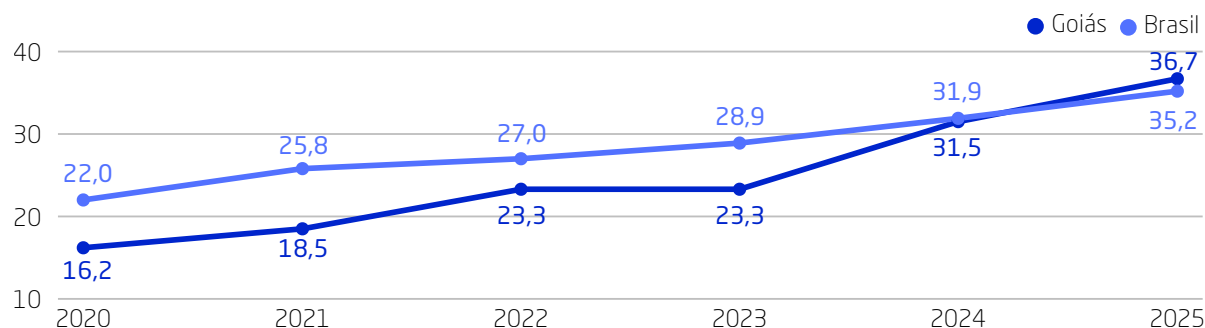
Figura 17 - Evolução das admissões e desligamentos da indústria de saneamento em Goiás



Fonte: FIEG, a partir dos dados do Caged.

A maior movimentação também aparece na taxa de rotatividade. Segundo a Figura 18, o indicador em Goiás passa de 16,2% em 2020 para 36,7% em 2025, mais que dobrando no período. A trajetória é especialmente relevante a partir de 2023: até então, a rotatividade goiana permanecia abaixo da nacional, mas se aproxima do resultado brasileiro em 2024 e o supera em 2025, quando o Brasil registra 35,2%.

Figura 18 - Taxa de rotatividade da indústria de saneamento estadual e nacional (%)



Fonte: FIEG, a partir dos dados da Rais e Caged.

Diferentemente de setores marcados por ciclos curtos de produção, como a construção, o saneamento está associado à prestação contínua de serviços essenciais e à operação de infraestrutura de longo prazo. Por isso, o crescimento recente da rotatividade merece atenção: mais do que uma característica naturalmente esperada da atividade, os dados apontam para uma mudança na dinâmica do emprego do setor em Goiás. A combinação entre expansão do número de trabalhadores e aumento das admissões e desligamentos sugere que o crescimento do segmento tem ocorrido acompanhado de maior renovação e movimentação de sua força de trabalho.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise evidencia que a rotatividade é um componente relevante da dinâmica do mercado de trabalho goiano e deve ser observada para além do saldo de empregos. Entre 2020 e 2025, Goiás combinou expansão do emprego formal com aumento da movimentação da mão de obra, processo que também se manifesta na indústria. Nesse setor, chama atenção a permanência da taxa de rotatividade acima da média nacional durante todo o período, indicando uma dinâmica de contratações e desligamentos mais intensa no estado.

Os resultados também mostram que não existe uma única dinâmica de rotatividade industrial. A construção apresenta taxas elevadas, em parte associadas à lógica de obras, etapas produtivas e deslocamento territorial das frentes de trabalho; atividades mais intensivas em capital e qualificação, como eletricidade e gás e indústria extrativa, apresentam vínculos relativamente mais estáveis; enquanto o saneamento registra uma mudança recente, com crescimento expressivo da movimentação da mão de obra. A indústria de transformação, responsável pela maior parcela do emprego industrial, ocupa uma posição intermediária, mas também reúne atividades bastante heterogêneas.

Nesse sentido, uma taxa elevada não deve ser interpretada isoladamente como um resultado negativo. A natureza da atividade, o perfil dos trabalhadores e a estrutura produtiva ajudam a determinar quanto de movimentação é esperado em cada setor. Ao mesmo tempo, a persistência ou o crescimento da rotatividade pode sinalizar desafios relacionados à retenção, qualificação e formação de mão de obra. Para Goiás, compreender essas diferenças é especialmente importante para orientar políticas e estratégias de desenvolvimento industrial capazes de conciliar expansão do emprego com vínculos mais duradouros, qualificação profissional e ganhos de produtividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARRIJO, Bárbara Christina P. S.; DIAS, João Pedro Cardoso. **Análise da rotatividade no mercado de trabalho do Distrito Federal: 2011 a 2021**. Brasília, DF: Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal (IPEDF Codeplan), 2024.
- CORSEUIL, Carlos Henrique L.; RIBEIRO, Eduardo Pontual. **Rotatividade de trabalhadores e realocação de postos de trabalho no setor formal do Brasil: 1996-2010**. Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise, Brasília, DF: Ipea, n. 50, fev. 2012.
- CORSEUIL, Carlos Henrique; FOGUEL, Miguel; GONZAGA, Gustavo; RIBEIRO, Eduardo Pontual. **A rotatividade dos jovens no mercado de trabalho formal brasileiro**. Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise, Brasília, DF: Ipea, n. 55, 2013.
- CORSEUIL, Carlos Henrique; RIBEIRO, Eduardo Pontual; SANTOS, Daniel D.; DIAS, Rodrigo. **Criação, destruição e realocação do emprego no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2002. (Texto para Discussão, n. 855).
- COSTA, Adrielle Maria Rego da; QUEIROZ, Silvana Nunes de. **Rotatividade no mercado de trabalho brasileiro nos anos de 2005, 2012 e 2019**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 23., 2024. Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), 2024.
- DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE). **Movimentação no mercado de trabalho: rotatividade, intermediação e proteção ao emprego**. São Paulo: DIEESE, 2017.
- DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE). **Rotatividade e políticas públicas para o mercado de trabalho**. São Paulo: DIEESE, 2014.
- DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE). **Rotatividade no mercado de trabalho brasileiro: 2002 a 2014**. São Paulo: DIEESE, 2016.
- DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE). **Rotatividade setorial: dados e diretrizes para a ação sindical**. São Paulo: DIEESE, 2014.
- GONZAGA, Gustavo. **Rotatividade e qualidade do emprego no Brasil**. Revista de Economia Política, São Paulo, v. 18, n. 1 (69), p. 121-143, jan./mar. 1998.

